

A Construção dos Citas Através do Imaginário Social de Heródoto

The Scythians Through Herodotus Social Imaginary

Allan Cezar Alonso¹

Alair Figueiredo Duarte²

¹Especialista em História Antiga e Medieval (UERJ); pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA/UERJ). Tem como análise central pesquisas no campo social e político, versando sobre a esfera do poder e o policiamento em Atenas no período Clássico. E-mail: allan.alonso.uff@gmail.com.

²Doutor em História Comparada (UFRJ); vice-coordenador geral e pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA/UERJ); pesquisador do Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval da Marinha do Brasil (LSC-EGN/MB). Tem experiência na área de História Antiga, com ênfase em Guerra e Teatro Grego. E-mail: epibatai@outlook.com.br.

Recebido em 04 de abril de 2020; Aceito em 10 de junho de 2020

Resumo

Buscamos apresentar quem eram os arqueiros *citas* mencionados nas *Histórias* de Heródoto, historiador que constrói análises da sociedade *cita* e de seu *modus vivendi*. Durante longo tempo foi questionada a veracidade do discurso de Heródoto, mas, com o advento da modernidade, as descrições foram corroboradas com o auxílio de pesquisadores de diversos campos. Os *citas* formavam um grupo étnico de relevância no mundo helênico, inclusive mencionados por suas práticas e funções na administração da *pólis* ateniense.

Palavras-chave: Heródoto. História. Arqueologia. Mitologia. Cítia. Arqueiros citas.

Abstract

We seek to present who were the Scythian archers mentioned in the History of Herodotus, a historian who built an analysis of the Scythian society and its *modus vivendi*. For a long time, the truth of Herodotus' speech was questioned, but with the advent of modernity, the descriptions were corroborated with the help of researchers from different fields. The Scythians formed an ethnic group of relevance in the Hellenic world, even mentioned for their practices and functions in the administration of the Athenian polis.

Keywords: Herodotus. History. Archeology. Mythology. Scythian. Scythian archer.

Heródoto⁷ recebeu o epíteto de “Pai da História” do orador romano Marco Túlio Cícero (*As Leis*, 5) no século I a.C. e é apresentado pelo pesquisador contemporâneo Marciel Detienne (1998, p. 52) como “herói fundador da História”. Com aplicações de métodos do seu tempo, Heródoto constrói e explica as suas análises com influência de gêneros filosóficos e poéticos, os quais permeiam a linha de pensamento de suas descobertas (SILVA, 2015, p. 39-40).

O historiador, em todos os sentidos, busca compreender e satisfazer suas curiosidades, interpretando todas as informações coletadas no decorrer de suas viagens. Com suas técnicas próprias, em um mesmo evento cria seus princípios investigativos, como nos afirma Cynthia Morais (2004, p. 41):

[...] seu método é, portanto, deduzir fatos implícitos nas informações disponíveis, o que, para Detienne, constitui um manifesto racionalista em todos os sentidos da palavra, pois os diversos métodos que ele instaura implicam ao mesmo tempo rigor crítico, dedução lógica e, até, o estabelecimento de grandes princípios gerais que permitam a comparação analógica.

Nesse método investigativo se faz presente o princípio de refletir sobre os efeitos e as causas das ações humanas, uma prática que serve para explicar sujeitos políticos do século V a.C. A observação do historiador, sob a análise de causas e efeitos, é apresentada na perspectiva de elucidações por pensamentos míticos, ora justificados por suas práticas culturais, ora por fatos ou propriamente por inferências. Por meio da narrativa herodoteana, notamos o deslocamento da cosmovisão mítica para princípios racionais, interpretações que surgem como evidências empíricas, contudo sem descartar algumas narrativas “alegóricas” em suas histórias (SCHLÖGL, 2000, p. 38).

É possível que os métodos aplicados por Heródoto tenham feito com que, por longo tempo, vinculasse a ele um rótulo depreciativo de mentiroso, ou pelo menos de

⁷ Heródoto nasceu em Helicarnasso, 484 a.C.. Teve como pai Lixas e mãe Drio (LARCHER, 2006, p. 7).

autor com uso de uma narrativa fictícia, uma ambiguidade que lhe foi imputada. Com o advento da modernidade e novas técnicas de análise, percebe-se não só a relevância dos documentos construídos por Heródoto, mas também a autenticidade das histórias narradas pelo historiador, o que fez com que ficasse singularmente conhecido como prógono da História (MOMIGLIANO, 1969, *passim*).

Eni Puccinelli Orlandi (1994, p. 56-57) afirma que a dinâmica construída do homem com a linguagem é gerada por uma injunção à interpretação, ou seja, com base nessas informações, Eni P. Orlandi é levada a interpretar o seu significado: “[...] diante de qualquer objeto simbólico ‘x’ somos instados a interpretar o que ‘x’ quer dizer. Nesse movimento da interpretação, aparece-nos como conteúdo já-lá, como evidência, o sentido desse ‘x’”.

Outro tópico que cabe destacar, o qual certamente fomenta a capacidade de Heródoto de interpretação das suas pesquisas, é a sua formação pregressa à de historiador. Segundo François Hartog (1999, p. 6), Heródoto, antes de ser reconhecido como historiador, tinha formação de geógrafo e etnógrafo. Esse conhecimento múltiplo viabilizou suas análises principalmente no que tange aos povos distintos dos helênicos, como os *citas*. Esse cabedal fez com que Heródoto, apesar das limitações do período, construísse de forma precisa descrições das suas análises, informações que hoje dialogam com a Arqueologia. Diversos resquícios de artefatos foram encontrados por pesquisadores em regiões distintas, lugares que já haviam sido pontuados nas *Histórias* de Heródoto. Desta forma atribui credibilidade a narrativa do historiador, uma vez que ocorre o encontro das fontes de Heródoto com a cultura material das escavações de arqueólogos contemporâneos (ROSTOVTZEFF, 1922, p. 44).

A propósito da região da Cítia, há algumas divergências construídas em relatos de alguns concidadãos de Heródoto, fato que possivelmente foi construído através do imaginário social helênico. Tomamos como exemplo Ésquilo, o qual relata a Cítia como um local “distante e deserto”; o dramaturgo nos informa: “Aqui estamos nós, neste lugar remoto, marchando num deserto pelo chão da Cítia onde nenhuma criatura vive”

(ÉSQUILO, *Prometeu Acorrentado*, 1-4). Aristófanes corrobora a narrativa de Ésquilo, destacando a região da Cítia como um local deserto, contudo em um ponto se distingue do primeiro, o emprego da palavra “selvagem”, para se referir aos habitantes dessa região: “Que injustiça, um homem curvado com a idade como Tucídides deveria ser dominado por esse defensor fanfarrão [...], que é tão selvagem quanto o deserto *cita* em que nasceu!” (ARISTÓFANES, *Os Acaonianos*, 703).

É possível que a narrativa de terra “longe e selvagem” aferida à Cítia seja uma simetria na perspectiva desses personagens, uma vez que o espaço atribuído à sociedade *cita* se encontrava fora dos limites helênicos. Adjetivos com uma interpretação pejorativa, contudo não passando de uma metáfora com o foco de construir uma alteridade pelo fato dos *citas* serem estrangeiros, sendo assim, apresentando segundo o imaginário social grego um local inóspito, uma terra de “bárbaro”⁸ (HARTOG, 1999, p. 54). As comunidades helênicas, em especial os atenienses, se configuravam aos seus próprios olhos como mundo *civilizado*. Tudo o que era contrário aos seus princípios, no que tange à etnologia, era caracterizado e projetado como bárbaro (WOORTMANN, 2000, p. 3). A civilidade, segundo Aristóteles (*A Política* I, 1, 1252a, 23), só era encontrada no âmago da pólis, no qual o homem poderia encontrar o centro das virtudes humanas. A cidade-estado é inclusiva, atenta as necessidades de todos, havendo regras em sua essência.

Heródoto (*Histórias*, IV, 25, 27, 62, 66) apresenta a Cítia com outra perspectiva, como uma região complexa e bem estruturada, formada por grupos étnicos semelhantes, que se distingue em algumas práticas. Essa composição é dada por uma característica plural, contudo organizada. O território da Cítia era fragmentado por

⁸ O conceito de bárbaro na Antiguidade conota a sua aplicação contemporânea. A palavra observada pelos povos helênicos está vinculada à compressão de alteridade e refere-se a personagens “não gregos”, oriundos de terras distantes.

*nomos*⁹ e que cada um possuía em sua liderança um *nomarca*¹⁰. Segundo François Hartog (1999, p. 59), isso significa que a região da Cítia possuía um espaço cadastrado e administrado, concluindo então que havia princípios e regras estabelecidas dentro de cada *nomos*.

A essa sociedade não era possível atribuir o epíteto de grupo mais importante entre os localizados ao norte do território helênico, tampouco poder-se-ia associar o título de simplista, como naturalmente construído e vinculado por outras fontes do período Clássico. Nas análises, Heródoto (*Histórias* IV, 62, 66) apresenta o espaço *cita* usando termos como área e região. O arqueólogo John Linton Myres (1896, p. 606) nos informa inclusive que o historiador, ao descrever a Cítia, usou para fundamentar suas investigações algumas cartas topográficas, em especial jônias.

A propósito da distribuição dos *nomos citas* em seu território, a administração possuía uma formação heterogênea, ou seja, cada região tinha o seu líder, como Heródoto nos apresenta: “Cada governador *cita* dá anualmente um festim em seu distrito ou província, no qual é servido vinho misturado com água, numa cratera [...]” (HERÓDOTO, *Histórias*, IV, 66). É possível que a interpretação de sua narrativa apresente a Cítia como um local representativo, ou seja, tendo a figura do seu *nomarca* como base política, um emanador de poder. Dessa forma, vemos a Cítia não propriamente como um espaço geográfico, como um lar, “um local de descanso”, mas com os súditos junto de seu *nomarca*, observando-o como representação de “casa”, como centro

⁹ *Nomo* era uma divisão administrativa do Antigo Egito. A palavra *nomos* deriva do grego *nomos* (plural: *nomoi*). Para se referirem a essas regiões administrativas, os egípcios usaram primeiro a palavra *sepat* e, mais tarde, durante o período de Amarna, *qâb*. O número de *nomos* variou ao longo da história egípcia entre 35 e 42. Cada *nomos* tinha a sua capital, um emblema próprio, um número e uma divindade tutelar, à qual era dedicado um templo. Cada *nomos* dispunha igualmente das suas próprias regras e de festas locais. A existência de *nomos* no Antigo Egito remonta ao período pré-dinástico, quando várias cidades se uniram para formar um território unificado sob determinado poder (FIGUEIREDO, 1913, p. 1398). “A palavra empregada por Heródoto, ‘*nomos*’, é a mesma utilizada nas *Histórias* para falar das unidades administrativas egípcias e das satrapias persas: portanto os três países onde existiram *nomos* são: a Pérsia, o Egito e a Cítia” (HARTOG, 1999, p. 59).

¹⁰ Título empregado para o governador de um *nomos*.

gravitacional, referencial para ocorrências das relações sociais. Essa interpretação de François Hartog justificaria a ideia de “casa” para as sociedades de determinados *nomos*, principalmente os que possuíam hábitos nômades¹¹ (HARTOG, 1999, p. 152).

Uma das justificativas para a definição de uma formação heterogênea seria a da distinção apresentada por alguns *nomos citas*. Certos grupos possuíam não só princípios nômades, práticas sociais aos quais comumente é vinculado no campo historiográfico o epíteto de “os *citas* nômades”. Assim sendo, cria-se a compreensão da singularidade da sociedade como um grupo com formação homogênea. Heródoto (*Histórias*, IV, 17-20), em seus documentos, nos apresenta hábitos distintos dessas sociedades, por isso devemos considerar que entre os *nomos citas* encontraríamos grupos não só nômades, mas também sedentários¹². Uma característica peculiar que leva a refletir acerca da identidade sedentária é o hábito de praticar a agricultura, dando indícios de uma vida estruturada e fixa em determinada região, como elucidado por Heródoto em suas *Histórias*:

Depois do porto dos Boristênidas, que se acha bem no centro do litoral da Cítia, os primeiros povos que encontramos são os Calípides, de origem greco-*Cita*. Um pouco acima ficam os Alazões. Estes e os Calípides seguem os mesmos costumes dos *Citas*. Cultivam o trigo e comem cebola, alho, lentilhas e favas. Ao norte do território ocupado pelos Alazões vivem os *Citas* lavradores, que semeiam o trigo, não para se utilizarem dele como alimento, mas para vendê-lo. Acima do país dos *Citas* encontram-se os Neuros. Pelo que pudemos saber, a parte setentrional do país dos Neuros não é habitada. Todas essas nações estão situadas ao longo do rio Hípanis, a oeste do território dos Boristênidas.

¹¹ A palavra “nômade” descreve o estado dos membros de um grupo de pessoas que não possui moradia fixa e se move de acordo com as estações, de lugar para lugar, à procura de alimento, água e pasto (FIGUEIREDO, 1913, p. 1397).

¹² O termo “sedentário” é definido como “remanescente ou habitando uma área” ou “sem movimento liberto”. Esse termo pode se referir a indivíduos, grupos de pessoas, animais ou até mesmo objetos. As outras formas da palavra incluem sedentariedade e sedentarismo. As sociedades americanas e europeias desenvolvidas são exemplos de sociedades sedentárias, marcadas pela posse de terras e por localidades estabelecidas (FIGUEIREDO, 1913, p. 1932).

Transpondo-se esse rio, encontra-se primeiramente a Hiléia¹³, na direção do litoral. Acima ficam os *Citas* agricultores. Os Gregos que vivem às margens do Hípanis chamam-nos Boristênidas, mas denominam a si próprios Olbiopólitos. O país desses *Citas* agricultores, que fica a três dias de viagem do lado do levante, estende-se até o rio Pantícapas. Atravessando-se essa região chega-se a vastos desertos, além dos quais vivem os Andrófagos, que nada têm de comum com os *Citas*. Ao norte do território por eles habitado existem apenas desertos — pelo menos não se sabe da existência de nenhum povo ali.

A leste da região ocupada pelos *Citas* agricultores e para lá do Pantícapas vivem os *Citas* nômades, que não lavram a terra. Toda a região, com exceção da Hiléia, é desprovida de árvores. Os *Citas* nômades ocupam, a leste, uma extensão correspondente a quatorze dias de jornada até o rio Gerro.

Além do rio Gerro fica o país dos *Citas* reais, os mais bravos e mais numerosos entre todos os de sua raça, e considerando os demais como seus escravos. Estendem-se para o sul Táurida, e para leste até o fosso cavado pelos filhos dos escravos cegos, e Cremnes, cidade comercial sobre o Palos-Meótis. Uma das partes dessa nação estende-se até o Tánais. Ao norte do território dos *Citas* reais encontram-se os Melanclenes, que não pertencem à mesma raça. Mais acima, ao que soubemos, não existem mais do que pântanos e terras desabitadas (HERÓDOTO, *Histórias*, IV, 17-20).

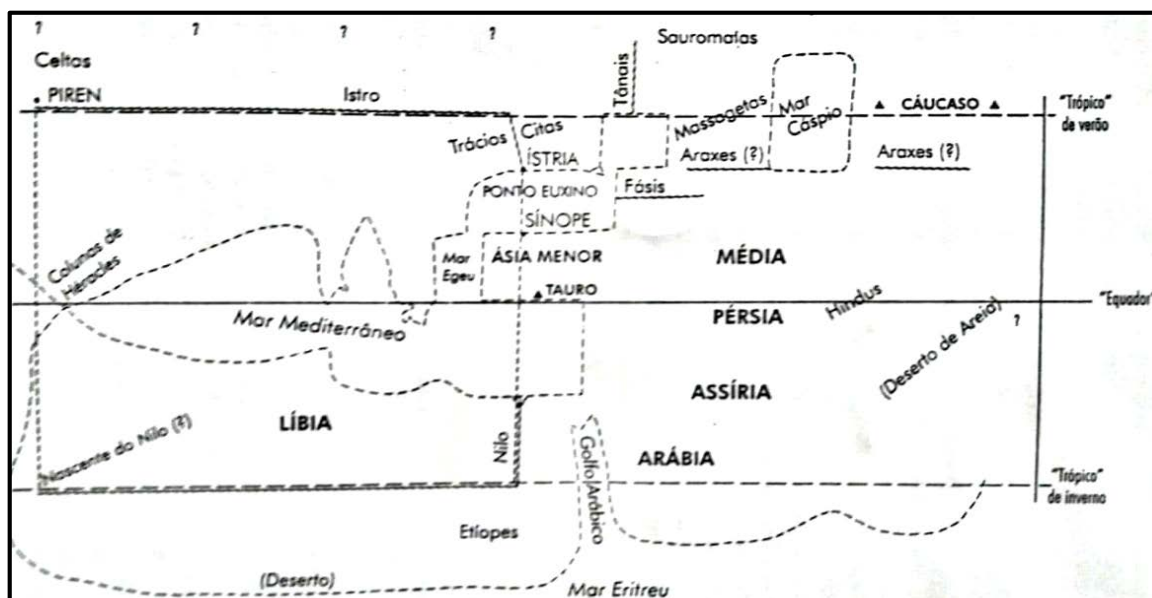
Pontuar acerca de um espaço exclusivo para uma sociedade na Antiguidade é uma atribuição complexa, principalmente quando se refere a grupos que são mencionados nos documentos distribuídos em uma região, incluindo *modus vivendi* distintos. Por esses princípios, tornam-se espaços imaginários, constituídos por conceitos identitários culturais, ou seja, referências étnicas de semelhança (DUARTE, 2013, p. 43). É possível que esses princípios tenham gerado um reconhecimento equivocado dos *citas* no que tange a sua região ou a seus *nomos*. Apresentam-se com

¹³ Segundo o geógrafo Alexander Von Humboldt (alemão) e o botânico Aimé Goujaud Bonpland (francês), o termo tem origem do grego *hylaïos*, que significa floresta, selvagem (NOVO..., 1986, p. 896). A Hileia, aplicada à *Cítia*, conforme apresentada por Heródoto (*Histórias*, IV, 18), possui o mesmo significado, contudo François Hartog (1999, p. 102) define de forma mais precisa que essa área é margeada a oeste pelo Rio Borístenes, o qual se situa ao longo do mar, com limites ao norte com os *citas* sedentários. Essa região inclusive é apresentada como pano de fundo para a construção mítica de Hércules com um ser híbrido, que se une a ele e dá origem à sociedade *cita*.

uma só formação antropológica, um único grupo étnico, ainda que existam entre eles peculiaridades distintas.

Na Figura 1, assim como na citação da qual a imagem procede, isto é, a narrativa de Heródoto (*Histórias*, IV, 17-20), podemos identificar a hipotética localização da Cítia, com uma visão panorâmica das regiões exploradas pelos *citas* junto aos povos imediatos.

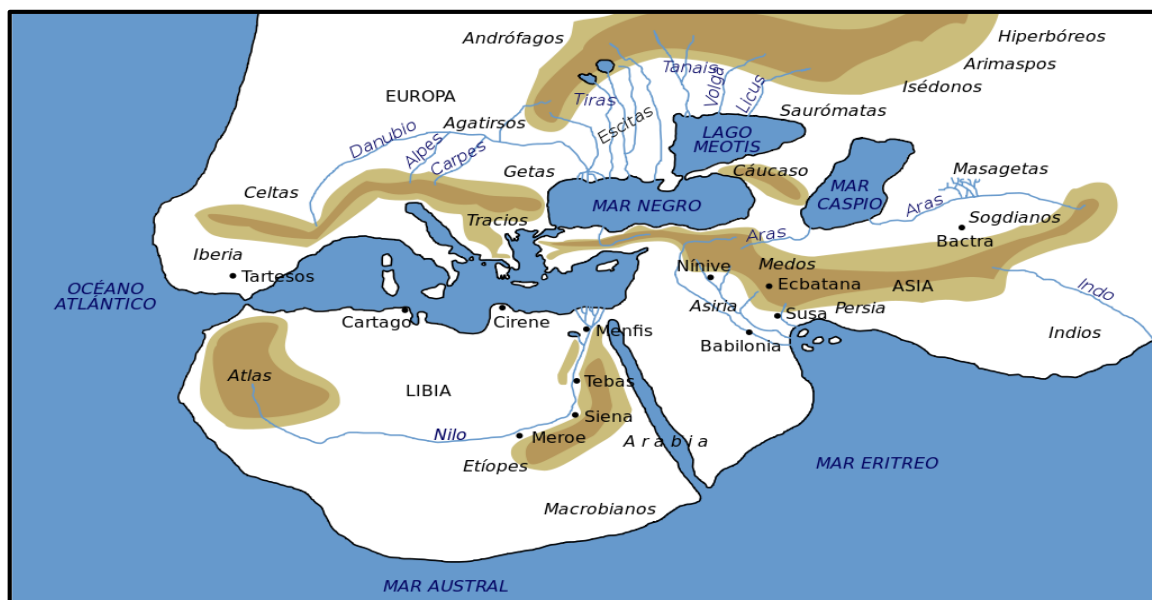
Figura 1 – Provável representação do mundo por Heródoto. Fonte: HARTOG (1999, p. 56).



Na Figura 2, é possível verificar o mesmo conceito de carta topográfica, contudo com melhores definições. Destacados pelo círculo encontram-se pontos de mananciais os quais desaguam no Mar Negro; um desses rios é o atual Rio Dniepre, documentado por Heródoto como Rio Borístenes ou Boristênidas, anafado rio da região Cítia (HERÓDOTO, IV, 53), símbolo de relevância na formação mitológica, apresentado por Heródoto como possível *marco zero*¹⁴ da Cítia, questões de que trataremos adiante.

¹⁴ Centro geográfico de origem de uma população.

Figura 2 – Mapa de Heródoto. Fonte: Wikimed-ia Commons, 2006.



Quanto à apresentação do mito na Antiguidade Clássica, esse sempre foi motivo de diversos debates, com questões complexas que apresentam principalmente a formação de grupos étnicos. O mito é construído de forma sistêmica como um suposto vetor, um propagador de discurso. Já a manutenção desse discurso é projetada em seu comportamento social, fundamentando a memória. Vemos que é necessária a conservação da memória, História/Mito, tendo como base a identidade desse grupo da forma como foi produzida uma sociedade, a sua estruturação e seu comportamento dentro da observância das demais sociedades adjacentes.

Apoiados nesse princípio, o mito e sua formação possuem viés duplo, social-individual e social-coletivo. A elaboração da ordenação do mito é registrada por indivíduos para ser recuperada pelo coletivo. A perpetuação dessa memória é realizada por signos, vestígios e códigos vividos por uma sociedade. O mito não tem como fundamento só propagar o passado, mas também criá-lo (ROSSI, 2007, passim).

O pensamento helênico no período Clássico era algo surpreendente, pois o mito para esse povo era algo latente. As narrativas de passado para essa geração, ou seja, os tempos que antecederam o século V a.C., estavam vivas na memória dessa sociedade.

Com base nessa premissa, Heródoto enquanto jovem, dentro da sua socialização secundária¹⁵, foi formado com esses valores. Para citar um exemplo, as descrições mitológicas de Édipo, Agamenon e Teseu eram tão reais para os atenienses como qualquer outro episódio verídico. O mito tinha total influência não só em questões espirituais, como também se projetava efetivamente no comportamento social. Dessa maneira, era aplicável tanto como conto ou dentro de uma narrativa, expondo características daquele povo, quanto como linha de moralidade e de conduta, usado como virtude da nobreza étnica (ROSSI, 2007, p. 39).

Portanto, é possível entender a cosmovisão de Heródoto segundo as suas descrições com relação à formação mítica dos *citas* . Tratar da origem oficial, de como e quando surgiram é uma abordagem complexa, já que o que sabemos acerca da Cítia e de seus habitantes é apresentado dentro de uma perspectiva helênica. Ainda que Heródoto transmita uma compreensão de imparcialidade, a inferência do historiador não é levada para o lado dos *citas* , mas para o lado dos gregos. Dessa forma, a descrição desse povoamento não inclui só o imaginário social de Heródoto; sempre se inclina para uma percepção helênica.

Atendo-se à narrativa mitológica da Cítia proferida por Heródoto em seus documentos, o historiador nos apresenta quatro versões. Cabe ressaltar que elas possuem características bastantes distintas umas das outras. Apesar dessa gama de informação, restringir-nos-emos a duas em especial. A primeira é contada pelos próprios *citas* – Heródoto não explica de forma esclarecedora como esse *logos* surgiu nas regiões mediterrâneas – e a segunda versão contada pelos gregos do Ponto (HARTOG, 1999, p. 59, 62).

Os *citas* narram o surgimento de um arquegeta¹⁶ conhecido como *Targitau* , o fundador dessa sociedade. Antes de sua chegada, o local era deserto, uma região

¹⁵ Processo pelo qual o indivíduo torna-se membro funcional da sociedade, tomando como base a cultura do grupo.

¹⁶ Aquele que vem de fora para fundar uma região.

inóspita. A narrativa mítica descreve-o tendo como genitores Zeus e uma das filhas do Rio Borístenes¹⁷. Da linhagem desse semideus, surgem três descendentes: *Lípoxis*, o mais velho, *Árpoxis*, o irmão do meio, e *Cólaxais*, o mais moço. A fonte revela que os filhos engajaram-se na tentativa de pegar objetos de ouro que caíram do céu. Os objetos eram: uma charrua, um jugo, um machado e uma taça. Seguindo uma ordem que se dava do filho mais velho ao mais moço, assim que o primeiro chegou perto do ouro este se pôs em chama; o mesmo aconteceu com o segundo. Já com o terceiro, quando se aproximou o fogo apagou. Portanto, tomou o caçula os objetos, sendo assim reconhecido pelos demais irmãos sua supremacia e sua legitimidade em reinar sobre os demais.

Os povos que surgiram dos filhos de *Targitau* são: *Aukhátai*, descendentes de *Lípoxis*; *Katíaroi* e *Tráspies*, com origem em *Árpoxis*; e os *Paralátai*, que descendem do rei *Cólaxais*. Todos esses grupos em conjunto eram apresentados pelos *citas* por *Skólotoi*. Apesar de essa narrativa mitológica ser oriunda da Cítia, ela também era conhecida pelos helênicos, em especial pelos que viviam no Ponto (região próxima aos *citas*), contudo esta sociedade era identificada pelos gregos como *Skýtbai* (HERÓDOTO, *Histórias*, IV, 5-7).

A exposição mítica apresenta a compreensão da eleição de *Cólaxais* para herdar a liderança de seu povo. Ele foi o único dos descendentes de *Targitau* habilitado a tocar nos objetos de ouro. Outro ponto de relevância é a desconstrução de que os *citas* surgiram como nômades; eles seriam grupos sedentários, como elucida Hartog (1999, p. 61):

Mas o ponto capital é que, nessa versão, os próprios *Citas* se apresentam como sedentários e agricultores, não como nômades e criadores de animais; do céu caem, com efeito, um jugo e uma charrua, levando o caçula dos irmãos os objetos de ouro para sua casa (portanto, uma inclinação de que, já antes da queda dos objetos, ele

¹⁷ Trata-se do atual Rio Dniepre, que nasce nos montes Valdai, 250 quilômetros a oeste de Moscou, a uma altitude de 222 metros, e desagua no Mar Negro, a noroeste da península da Crimeia, após um percurso de 2290 quilômetros. A bacia do Dniepre drena uma superfície de 500.000 km² (RIO, 2020).

era sedentário, ou seja, a queda dos objetos não põe fim a uma fase anterior de nomadismo).

A segunda versão do surgimento dos *citas* é narrada por seus vizinhos, os gregos do *Ponto* . Essa descrição também é definida através de princípios mitológicos. É estruturada com um pano de fundo de uma terra sem vida; inclusive essa fundamentação também nos remete à primeira interpretação. Surge nesse local Hércules, um semideus filho de Zeus, conduzindo o rebanho de Gerião. Durante um breve descanso, Hércules se dá conta de que os seus cavalos sumiram. Em uma empreitada para encontrá-los, depara-se com uma virgem-serpente¹⁸, um ser híbrido. Hesíodo (*Teogonia* , 295-305) nos informa que do quadril para cima o ser era uma mulher e sua parte de baixo era de um réptil. Esse ser mítico barganhou uma troca com Hércules: devolveria os seus cavalos caso o semideus se unisse a ela. Desse relacionamento então foram gerados três descendentes (HERÓDOTO, *Histórias* IV, 17-20).

Após a idade viril, todos os filhos receberam seus nomes, do mais velho ao mais moço: *Agatirso* ; *Gelono* e *Cita* . Heródoto (*Histórias* , IV, 8-10) também informa que foram atribuídas aos homens algumas tarefas; os que sucumbissem seriam banidos das suas terras. Como *Agatirso* e *Gelono* não a completaram, sobrou assim o mais moço, *Cita* , permanecendo na terra e dando origem à nação *Cita* , o filho da serpente com Hércules. François Hartog (1999, p. 64) pontua que, segundo a interpretação dos gregos do Ponto, a serpente-irmã tratava-se de *Equidna* , uma figura mitológica bestial. A apresentação

¹⁸ Heródoto não afirma a origem dessa virgem-serpente, não criando um perfil com adjetivos que pudessem descrevê-la, contudo é fundada a possibilidade de ser Equidna, um ser mitológico com as mesmas características físicas, apresentado no campo mítico como sendo um ser temível e atroz (GRIMAL, 2005, p. 142-143). “Ela pariu outro incombustível prodígio nem para homens mortais nem a deuses imortais numa gruta cava: divina víbora de ânimo cruel, semi-ninfa de olhos de vidros e belas faces e prodigiosa semi-serpente terrível e enorme, cambiante carnívoro sob covil na divina terra. Aí sua gruta lá embaixo está sob côncava pedra longe dos deuses imortais e dos homens mortais, aí lhe deram os deuses habitar ínclito palácio. Em Árimos sob o chão reteve-se a lúgubre víbora ninfa imortal e sem velhice para sempre” (HESÍODO, *Teogonia* , vv. 295-305).

da imagem desse ser híbrido é de grande valor para o imaginário social na Grécia Clássica, possivelmente fomentando o discurso helênico de “bárbaros e selvagens”, haja vista possuírem como mãe um ser atroz e como pai, um semideus.

Ser intermediário, meio humana e meio animal (além de animal, serpente!), a virgem híbrida do mito heleno é a mãe, se não dos *Citas*, de sua realeza. E o pai, um herói itinerante [...]. O mito heleno de origem dos *Citas* é abundante em ambiguidades, desde os seres monstruosos até a geografia. Esse mito serve, evidentemente, para marcar o afastamento cultural, espacial e temporal dos *Citas* em face dos gregos, já que os *Citas* pertencem ao tempo dos monstros (WOORTMANN, 2000, p. 7-8).

As duas narrativas são distintas em sua natureza, porém apresentam alguns pontos congruentes. Temos a percepção de uma sociedade fragmentada, dividida por três categorias, representadas pelos objetos. O princípio da eleição tem base na capacidade de integrar os objetos a si, ou seja, o rei é um, mas representa todos. Ele não gera conflitos, sendo legitimado e venerado por seus súditos. Abordando as semelhanças, os *citas* são apresentados no momento da sua criação constituindo uma realeza trifuncional¹⁹. Há três funções específicas para liderá-los ou preservar as suas sociedades, atributos que legitimavam o *nomarca* em sua província: sacerdote, guerreiro e produtor. Todos os que assumiram o atributo de liderar eram os mais jovens, o que remete à ideia de mais tempo de fecundidade. Em segundo lugar, possuíam origem divina e, por fim, todos são protegidos pelas divindades (GONÇALVES, 1996, passim).

¹⁹ “A unidade Trifuncional é obtida pela presença de um centro de interesse comum que se apresenta coletivamente e que se baseia em três princípios, que se encontram reunidos e personificados na figura do governante: a soberania, a força e a fecundidade. Por sua vez esses princípios se manifestam em três funções sociais exercidas pelo rei: sacerdotal, guerreira e produtiva” (GONÇALVES, 1996, p. 11).

Considerações finais

Diante do exposto, podemos concluir que a grandiosidade com a qual Heródoto constrói as suas *Histórias* é de tamanha paciência e humanismo que nos impossibilita realizar uma descrição exata do grande dom do historiador, a sua “curiosidade”. Jamais ele ditou a História no seu curso, inclusive nunca se alegrou das vitórias sobre seus opositores. Sempre perceptível aos acontecimentos e zeloso com as similaridades, não havia em suas compilações obras semelhantes. Foi um historiador de grande projeção, irrefutavelmente à frente de sua época. A metodologia aplicada por Heródoto é apresentar ao homem a possibilidade de transposição da barreira do seu conhecimento, na qual se encontra o seu poder, ou pelo menos o suposto entendimento ou a correção do saber. Dessa forma, Heródoto torna-se um ícone atemporal, refletindo-se em vidas, inclusive, procedentes (MOMIGLIANO, 2004, p. 227).

Com relação aos arqueiros *citas* mencionados nas *Histórias*, dentro de uma perspectiva contemporânea não podemos descrevê-los como “bárbaros”, como sugeridos por alguns documentos. Eles possuíam um papel singular na políade, contribuindo para a administração pública. Alguns deles são pontuados como escravos, também outros como mercenários, somados às forças hoplitas para receber *misthos*²⁰ e outros no serviço de controle e ordem social. Eram atividades semelhantes a uma força de agentes²¹ de segurança, com todo o poder que a função lhes outorgava. Dessa maneira, os *citas* estavam em contato direto com as civilizações helênicas, principalmente com Atenas, na região da Ática.

²⁰ Termo usado na Grécia antiga para explicar que determinado cidadão teria direito de receber algo por exercer uma função pública. (DUARTE, 2013, p. 80, 91).

²¹ A abordagem do termo “força de agentes de segurança” não possui o mesmo sentido do contemporâneo, já que esse princípio surge na modernidade. A necessidade do uso de alguns termos desprendidos de suas épocas, construindo assim possíveis anacronismos, encontra justificativas na narrativa de Michael Foucault (1984, p. 3), o qual nos apresenta o caráter estilístico poético e retórico do discurso científico com base na formação de fundamentos centrais da hermenêutica contemporânea. Essa prática nos apresenta um sentido nas palavras apresentadas, fundamentando a estrutura estética argumentativa e nos apresentando, assim, um sentido no discurso.

Segundo Irad Malkin (2011, p. 5), a civilização helênica apresenta uma ampla rede de conectividade com as demais sociedades de diferentes regiões do Mediterrâneo. Essa conexão, através do sistema marítimo descentralizado, fomentaria uma transitividade cultural, ou seja, o desenvolvimento das trocas culturais. Portanto, a narrativa de alteridade construída pela sociedade helênica sobre os *citas* ainda é um dos pontos a serem explorados, assim como entender a dinâmica inserida entre o relacionamento dessas sociedades, uma espécie de comércio pelo qual os helênicos possivelmente regimentaram os *citas* para lutar as suas batalhas. Prática comum no período Clássico, conhecida como *misthophoro* , se caracterizava por seu empenho nos serviços das armas (DUARTE, 2013, p. 24).

A construção da sociedade *cita* ainda demanda muitas pesquisas. O que a historiografia possui como base são fontes textuais, alguns escritos por comediógrafos e dramaturgos, e também alguns vasos áticos dos períodos Arcaico e Clássico. Contudo, hoje têm sido encontrados efetivamente indícios de suas origens através da Arqueologia. Na gama de achados, incluem-se corpos mumificados de homens e mulheres *citas* da mesma época de Heródoto (MAYOR; MARTINS, 2018, p. 320).

Referências Bibliográficas

ARISTOTLE. *Politics*. Edited by Marguerite Deslauriers McGill University and Pierre Destrée University of Louvain, USA by Cambridge University Press, New York, 2013.

BRAUDEL, Fernand. *Memória do Mediterrâneo, Pré História e Antiguidade*. Trad. Teresa A. Cardoso, José M. Lopes, Isabel Aubyn e Amélia M. Joaquim. Rio de Janeiro: Multinova, 2001.

CICERO, Marcu Tullius. *On the Commonwealth and on the Laws*. Edited By James E. G. Zetzel; Columbia University in the City of New York, 1999.

DETIENNE, Marcel. *A Invenção da Mitologia*. Trad. André Telles e Gilza Martins Saldanha da Gama. Brasília: José Olympio; UNB, 1998.

DUARTE, Alair Figueiredo. *Guerra e Mercenarismo na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2013.

ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille, 5. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Trad. Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HERÓDOTO. *História*. Trad. José Brito Broca. [s.l.]: Centaur Editions, 2006.

HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MAYOR, Adrienne; MARTINS, Débora. As origens da rota marítima: mares, barcos e homens. *Heródoto, Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas*, v. 3, n. 1, 2018.

MALKIN, Irad. *A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean*. New York: Oxford University Press, 2011.

MYRES, John Linton. An attempt to reconstruct the maps used by Heródoto. *Geographical Journal*, v. 06, p. 606-631, 1896.

MOMIGLIANO, Arnaldo. The Place of Herodotus in the History of Historiography. In: *Studies in Historiography*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru: EDUSC, 2004.

MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, pai da História?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

NOVO Dicionário Aurélio. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discursos, Imaginário Social e Conhecimento*. Campinas: UNICAMP, 1994.

RIO Dniepre. *In*: INFOPÉDIA. Porto: Porto Editora, 2020. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$rio-dniepre](https://www.infopedia.pt/$rio-dniepre). Acesso em: 02 de fevereiro de 2020.

ROSSI, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho. *Mitologia: abordagem metodológica para o Historiador da Antigüidade Clássica*. São Paulo: Scielo, UNESP, 2007.

ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *Iranians and Greeks in South Russia*. Oxford: Ed. Nabu Press, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Heródoto e suas Histórias. *Revista de Teoria da História*, v. 7, n. 13, junho 2015.

SCHLÖGL, Albert. *Heródoto*. Trad. Javier Alonso López. Madrid: Alderaban, 2000.

WIKIMEDIA COMMONS. File: Herodotus world map-en.svg. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Herodotus_world_map-en.svg. Acesso em: 22 jan. 20.

WOORTMANN, Klaas. O Selvagem e a História: Heródoto e a questão do Outro. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, n. 1, 2000.